



CADERNO OPINIÃO

IMPOSTURAS DO MERCADO E OBSTÁCULOS POLÍTICOS PARA A ENERGIA NA AMÉRICA LATINA

AUTORA

Fernanda Delgado

novembro.2018

SOBRE A FGV ENERGIA

A FGV Energia é o centro de estudos dedicado à área de energia da Fundação Getúlio Vargas, criado com o objetivo de posicionar a FGV como protagonista na pesquisa e discussão sobre política pública em energia no país. O centro busca formular estudos, políticas e diretrizes de energia, e estabelecer parcerias para auxiliar empresas e governo nas tomadas de decisão.

DIRETOR

Carlos Otavio de Vasconcellos Quintella

SUPERINTENDENTE DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS E RESPONSABILIDADE SOCIAL

Luiz Roberto Bezerra

SUPERINTENDENTE COMERCIAL

Simone C. Lecques de Magalhães

ANALISTA DE NEGÓCIOS

Raquel Dias de Oliveira

ASSISTENTE ADMINISTRATIVA

Ana Paula Raymundo da Silva

SUPERINTENDENTE DE ENSINO E P&D

Felipe Gonçalves

COORDENADORA DE PESQUISA

Fernanda Delgado

PESQUISADORES

Angélica Marcia dos Santos

Carlos Eduardo P. dos Santos Gomes

Fernanda de Freitas Moraes

Glaucia Fernandes

Guilherme Armando de Almeida Pereira

Mariana Weiss de Abreu

Pedro Henrique Gonçalves Neves

Priscila Martins Alves Carneiro

Tamar Roitman

Tatiana de Fátima Bruce da Silva

Thiago Gomes Toledo

Vanderlei Affonso Martins

CONSULTORES ESPECIAIS

Ieda Gomes Yell

Magda Chambriard

Milas Evangelista de Souza

Nelson Narciso Filho

Paulo César Fernandes da Cunha

mentar políticas para aumentar a produção de petróleo e manter os subsídios aos combustíveis sob controle; a perspectiva dos mercados de gás natural; as perspectivas de expansão da infraestrutura de geração de energia elétrica e o aumento dos investimentos chineses na região.

O evento, que aconteceu em Washington em 25 de outubro, reuniu autoridades de governos da América Latina e dos Estados Unidos, executivos de empresas e organizações internacionais e não-governamentais para discutir os problemas mais críticos de política energética enfrentados pela região. A FGV Energia esteve presente ao evento representando o Brasil, para falar sobre a perspectiva do próximo governo para o setor.

PRINCIPAIS IMPRESSÕES

2018 foi um ano marcado por grande incerteza política para os mercados de energia da América Latina. Os preços do petróleo estão em alta,

criando fortes incentivos para investimentos, o aumento das exportações de gás natural dos EUA está criando uma nova fonte de energia flexível e barata para os consumidores latino-americanos e o custo da energia eólica e solar está diminuindo drasticamente. No entanto, a América Latina continua enfrentando incertezas na política energética, à medida que novos governos tomam posse em muitos países e as tensões geopolíticas entre os EUA e a China estão em ascensão. Com muitas perguntas sobre a mesa, oficiais do governo, representantes corporativos e analistas se reuniram em 25 de outubro na The Dialogue, em Washington, para avaliar o futuro da política energética no Hemisfério Ocidental.

Fluvio Ruiz, assessor de energia do presidente Mexicano eleito Andrés Manuel López Obrador (AMLO), delineou os aspectos mais importantes da agenda energética do novo governo, incluindo a diminuição da dependência energé-



tica do México, com investimentos em refino, pesquisa e desenvolvimento, alocando mais recursos à Pemex e acelerando o processo de transição energética em direção ao uso de energias renováveis. Após os comentários públicos de Ruiz, os membros do painel² destacaram a ambição dos planos da AMLO, dada a composição diversificada de sua coalizão e a enorme carga fiscal que o investimento em infraestrutura de energia necessária no país.

O Brasil e a Colômbia também são grandes produtores de petróleo que realizaram eleições em 2018. Os membros do painel explicaram que Jair Bolsonaro, o presidente eleito de extrema direita do Brasil, reverteu completamente suas antigas posições de energia nas últimas semanas, tornando a perspectiva incerta. Mas, independentemente de seus planos, os 30 partidos diferentes do congresso do Brasil dificultarão a implementação.

Destacando ainda o Brasil, foi comentado que Jair Bolsonaro foi eleito o novo presidente da República com 55,13% dos votos válidos, superando seu rival Fernando Haddad (PT), com uma participação de 44,87%. É notória uma divisão no país hoje entre PT e anti-PT. Dessa forma, Bolsonaro conseguiu chegar ao Palácio do Planalto com o apoio popular da maioria dos brasileiros, representando o sentimento anti-PT. Vale destacar que o denominador comum que levou a população ao segundo turno das eleições presidenciais de 2018 foi a insatisfação política.

Contando com uma plataforma inicial pró-mercado, Bolsonaro deverá continuar, inexoravelmente, as políticas atuais de abertura da indústria de petróleo em busca da expansão da concorrência privada e da atração de investimentos, inclusive buscando quebrar o quase monopólio da Petrobras no refino (a Petrobras tem 98% refino de petróleo no Brasil).

Em relação à Petrobras, o presidente recém-eleito mencionou em sua campanha que seus planos governamentais dependem do desenvolvimento da competitividade do mercado local, com uma redução gradual das exigências de conteúdo local, e em um novo papel para a Petrobras na formulação de preços, que deve seguir os mercados internacionais, “mas sem as flutuações de curto prazo”, que devem ser suavizadas com mecanismos de *hedge* apropriados.

Devido ao esgotamento da identidade política interna, os brasileiros acreditam que um governo democrático deve ser reconstruído. Sem isso, seria quase impossível alcançar algum nível de recuperação da economia, do emprego e da expansão das políticas sociais. Esta deve ser a agenda para o futuro imediato. Esperançosamente, os caminhos para a prosperidade econômica e a igualdade social serão encontrados. Os problemas do Brasil estão longe do fim, e ainda há muito pouco para se animar na maior economia da América Latina.

Já na Colômbia, o novo presidente Iván Duque tomará posse por decisão judicial colocando a

² Alexandra Valderrama, Director, International Government Affairs da Chevron, Fernanda Delgado, Research Coordinator, Fundação Getúlio Vargas Energia, José Vicente Zapata, Partner, Holland & Knight Colombia e Duncan Wood, Director, Mexico Institute, Woodrow Wilson International Center for Scholars



extração de recursos naturais nas mãos do governo federal, com o objetivo de aumentar a produção de petróleo e estimular a industrialização e o desenvolvimento. Espera-se também uma aceleração da exploração de *plays* não convencionais em um futuro próximo, assim como o desenvolvimento mais amplo de vetores energéticos renováveis.

Adicionalmente, os panelistas também discutiram as oportunidades e os desafios enfrentados pelos mercados de gás natural e energia na região. Eles enfatizaram o papel que o gás natural pode desempenhar como uma fonte firme de energia para complementar fontes de energia renováveis variáveis em uma rede de energia cada vez mais diversificada. Melhorias na tecnologia de gás natural liquefeito (GNL), incluindo unidades flutuantes de armazenamento e regaseificação (FSRUs), estão facilitando o transporte de gás para o Caribe e a América Central. Ao mesmo tempo, as nações insulares de Porto Rico e Caribe estão incorporando

micro grids de energia renovável, que tornam as redes de seus sistemas de energia rural mais resilientes durante desastres naturais.

O aumento do investimento chinês nos setores de energia da América Latina foi um dos focos do painel final da conferência. À medida que os Estados Unidos se afastaram da região, a China aumentou seu papel, com novos investimentos de empresas privadas e estatais, além de empréstimos apoiados em troca por petróleo. A América Latina é de importância crescente para que a China possa garantir o acesso a recursos naturais e outras *commodities*, bem como o acesso aos mercados de exportação, e promover a internacionalização das empresas chinesas.

MATIZES FUTUROS

O processo civilizatório depende de um jogo paciente e dialético entre duas instituições fundamentais: a urna e o mercado, que exige

que elas sejam independentes entre si, o que não é um problema trivial. A sensação é a de que a América Latina está atravessando um momento turbulento, passando a impressão de que algo está fora de ordem nas democracias.

A mensagem final da conferência foi a de que os analistas de energia, e do mercado de uma forma geral, acompanharão de perto a América Latina à

medida que esses desenvolvimentos evoluam. Mas um fato é certo: a combinação de autoritarismo político e economia de livre mercado não é nova no Brasil ou na América Latina. E ainda não houve um caso de sucesso até agora quando dessa congregação. Separar a liberdade econômica e política pode parecer um atalho para o desenvolvimento, mas na América Latina a demanda por um governo forte tem competido com um persistente desejo de liberdade.



Fernanda Delgado é Pesquisadora na FGV Energia. Doutora em Planejamento Energético, dois livros publicados sobre Petropolítica e professora afiliada à Escola de Guerra Naval, no Mestrado de Oficiais da Marinha do Brasil. Experiência Profissional em empresas relevantes, no Brasil e no exterior, como Petrobras, Deloitte, Vale SA, Vale Óleo e Gás, Universidade Gama Filho e Agência Marítima Dickinson. Na FGV Energia é responsável pelas linhas de pesquisa do setor de petróleo, gás e biocombustíveis, destacando-se: Descomissionamento, Downstream, Reservatórios de baixa permeabilidade, Reservas de gás natural, Veículos elétricos, Planejamento energético e Geopolítica dos recursos energéticos.

* Este texto é de inteira responsabilidade do autor e não reflete necessariamente a linha programática e ideológica da FGV.



fgv.br/energia

